

CURSO DE FORMAÇÃO EM GRUPANÁLISE  
ANO LECTIVO 11/12  
1º ANO

SEMINÁRIO 4 - O ESTUDOS DOS SONHOS  
DEZ 11/JAN 12

FORMADOR: DR. FRANCISCO SALGADO  
FORMANDA: ANA RITA SOUSA LOBO



**Rousseau, Henri**  
*The Sleeping Gypsy*

1897 (70 Kb); Oil on canvas, 129.5 x 200.7 cm (51" x 6'7"); The Museum of Modern Art, New York

## Curso de Formação em Grupanálise

### O estudo dos Sonhos

*"Não se devem assemelhar os sonhos aos sons desregulados que saem de um instrumento musical atingido pelo golpe de alguma força externa, e não tocado pela mão de um instrumentista(...)"*

*Freud, S. – "A interpretação dos sonhos"- Cap- III*

## I – INTRODUÇÃO: DO SOBRENATURAL À CIÊNCIA

Até à época em que Freud escreveu a sua obra “A Interpretação dos Sonhos” (1900) os sonhos eram vistos como um fenómeno de contornos sobrenaturais e/ou divinos que permitiam, mediante métodos de decifração questionáveis, profetizar o futuro. Mas esta visão alterou-se profundamente com a introdução do pensamento científico freudiano, sobre a vida inconsciente do sujeito.

## 2- O SONHO COMO FENÓMENO PSICOLÓGICO

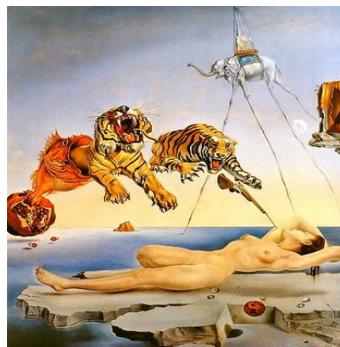
Pela invenção revolucionária do método psicanalítico, Freud postula o primado da vida inconsciente como objecto de estudo (metapsicologia) e um método para o estudar. Esse método observa os efeitos indirectos desta vida irracional inconsciente, uma vez que por natureza o inconsciente é inacessível. *O inconsciente, ligado ao trabalho do negativo da mente – no sentido do não observável directamente, de um invisível ou o outro lado do visível – é fundado em desejos indestrutíveis, na intemporalidade e na imortalidade.* Assim, a metodologia psicanalítica e a atitude científica de Freud perante a vida inconsciente mudaram profundamente a visão sobrenatural sobre os sonhos, uma vez que, pela primeira vez, era possível abordá-los como um fenómeno psíquico do próprio sujeito – a vida inconsciente – dotado de igual importância e validade relativamente aos restantes actos mentais e um meio de acesso à cura psicológica de uma patologia.

*“Um discernimento claro como esse só acontece uma vez na vida.”*

Freud

Quando Freud, no decurso da sua prática clínica, instrua os seus pacientes para relatar tudo que lhes ocorresse, por mais absurdo que parecesse (a regra de ouro da associação livre que permite a emergência de material inconsciente) surgiam as narrativas dos sonhos. Percebe, então, que estes estariam ligados à cadeia psíquica da memória,

como ponto de articulação entre o normal e o patológico propondo, na sua obra “A interpretação dos sonhos”, que *o método psicanalítico fosse aplicado não só à cadeia das associações livres como também às estruturas oníricas*, para que desta forma se acesse às soluções de compromisso entre instintos e inibições do sujeito, na raiz dos sintomas.



Salvador Dalí  
*Sonho Causado Pelo Voo de uma Abelha ao Redor de Uma Romã um Segundo Antes de Acordar*  
1944

“Pela boca morre o peixe”

Ditado popular português

*Pela palavra acedemos ao inconsciente e ao desejo*

## 3- MÉTODO DE INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS DE FREUD

Freud demonstra, na obra já citada, que interpretar um sonho implica a compreensão do sentido latente e não do conteúdo manifesto do mesmo. Pela análise que faz do relato de um sonho seu, surgido a partir de uma sensação desagradável que experimentara quando seu amigo Otto, lhe trouxera a notícia do estado de Irma – uma paciente sua -, Freud torna claro que este encontro teria despoletado um sonho em que a ideia latente era a de que *não levaria com a devida seriedade os seus deveres médicos.* Durante o processo de interpretação demonstra também que, de uma forma condensada e deslocada, estaria a lidar com emoções difíceis e conflituais de recriminação, culpabilidade e vingança, relativas a essa ideia latente, que estavam inconscientes. O sonho teria como objectivo geral apresentar várias provas de que era

extremamente consciencioso e de que estava profundamente interessado na saúde dele, dos parentes, dos amigos e dos pacientes. Freud refere ainda que o sonho “A injeção dada a Irma” apresenta um outro objectivo particular muito importante: ele serve como *realização de um desejo*, ou seja, o de ser inocente na doença de Irma, fundamentando a sua tese de que *os sonhos são a realização fantasmática de um desejo*.

#### 4- O SONHO É A REALIZAÇÃO FANTASMÁTICA DO DESEJO

Freud remete para a ordem do princípio do prazer do sonho como realização fantasmática de um desejo, que se prende com o próprio princípio do prazer, pelo qual se rege o inconsciente (ressalvamos que Freud foi um visionário ao compreender que a repressão sexual da época era causa de várias patologias, no entanto, para além de ter levantado muita polémica, levou a algumas interpretações panssexuais, o que não traduz de todo o pensamento Freudiano – “Às vezes um charuto é apenas charuto.” - Freud). O conflito entre esta lógica do prazer e da realidade criaria um fantasma ou fantasia que se manifestaria não só pelos sonhos, como nos actos falhados ou pela compulsão à repetição, e quando muito intenso despoletaria a patologia neurótica do sujeito. Esta intensidade conflitual de tendências opostas – Id e Super-ego - originaria o recalçamento: o Ego ficaria “preso” entre as exigências do Id (Desejo/Princípio do Prazer - Farás o que te apetece, Quando te apetece, Com quem te apetece...) e a censura do Super-ego (Imperativo - Não farás, Não matarás, Não cobiçarás). Assim o recalçamento ocorreria na cisão entre o campo da consciência e do inconsciente, podendo, assim, afastar da consciência a representação, (ideia-imagem) ou a emoção (afeto-sentimento), exigida pelo Id mas intolerável pelo Super-ego. Apesar de recalçadas essas representações não desapareceriam, ficando na memória inconsciente, de forma dinâmica, e teimando constantemente em reaparecer à consciência (retorno do recalçado). Desta forma o Ego ficaria obrigado a lutar constantemente, recalçando (resultado do intransigente imperativo Super-egóico da herança Edipiana, e não um

produto de uma escolha elaborada do Ego) e reprimindo as suas vivências (o sujeito opta em não lidar com aquilo naquela altura, sendo o peso do Ego maior do que do Super-ego). Neste sentido o sonho seria então uma formação substitutiva que permitiria ao sujeito a realização fantasmática do desejo recalçado, porque inaceitável.



Paula Rego  
Traviata 1983  
Acrílico sobre papel 239 x 202 cm  
Série Óperas

#### 5- O SONHO COMO ACESSO À LÓGICA INCONSCIENTE: AS PAIXÕES

No entanto esta ordem sexual ou do princípio do prazer, foi substituída ao longo do tempo pela ideia de cadeia dos afectos, não só por Freud – a teoria pulsional: pulsão de vida e de morte - como por alguns dos seus sucessores (por ex. Melanie Klein, Bion, etc) tendo permitido um avanço admirável na compreensão das paixões humanas como o amor, o ciúme, a raiva, a inveja, a culpa, o ódio, o medo, etc. A análise do relato do sonhador, que pela linguagem oculta o verdadeiro significado do desejo interdito, ou seja, das suas paixões, permite ao psicanalista, atento ao conteúdo latente do mesmo, o acesso ao inconsciente e às cadeias do afecto, que estarão na base da patologia (sofrimento na patologia neurótica, narcísica, etc.) ou da saúde (paixão ou envolvimento por uma actividade criativa, a imaginação, etc.), ou seja, a capacidade para lidar com os vários aspectos irracionais ou/e emocionais do sonho, tolerá-los e transformá-los. O sonhador que **se permita a sonhar** poderá encontrar novos continentes para os seus conteúdos (transformar *beta* em *alfa*) abrindo espaço para a realização criativa, como por exemplo através de uma obra de arte, de

engenharia ou arquitectura, escrevendo um romance, um poema, criando uma fórmula química ou matemática, etc.

## 5- SONHOS E GRUPANÁLISE

Se para a psicanálise o sonho é mais estudado numa perspectiva *intrapessoal*, na grupanálise esse estudo terá de contemplar, também, uma perspectiva *interpessoal*. Partilhar um sonho no contexto grupanalítico permite o usufruto do inconsciente do outro, na elaboração do sentido do sonho, tendo em conta que “a associação livre” passa a associação livre circulante em que o material que cada um produz é tomado e interpretado pelo grupo” (Arons, 1978 cit. Por Afonso, J.A. 2004).

As reações do grupo, em geral, poderão ser mais emocionais que cognitivas e este com a sua multiplicidade e sensibilidade inconsciente pode não só enriquecer o material onírico, como enriquecer a própria experiência analítica. Isto porque se por um lado o grupo pode oferecer um continente para os conteúdos do sonho do sonhador e transmitir ao sonhador a sensação de estar num lugar seguro e dentro de algo bom, por outro o sonhador poderá ser a “voz do grupo” mostrando que ser o continente das tensões grupais (Afonso, J. A. 2004). Mas da matriz do grupo também depende a aceitação ou resistência a certos conteúdos oníricos, que durante uma fase adversa poderá obstruir o processo de elaboração, competindo ao analista, pela introdução do padrão, promover a ultrapassagem dessas dificuldades, exercendo uma função contentora. O relato de um sonho no contexto de grupal poderá ser inicialmente difícil ou um movimento de teatralização, mas poderá também proporcionar momentos em que são apresentadas menos distorções na expressão dos conflitos intrapsíquicos pelo efeito de espelhamento que o grupo pode oferecer (poder observar a expressão emocional e de ideias dos outros elementos), atenuando a sensação de que se está isolado, reduzindo a ansiedade e as inibições (Arons, 1978 cit. Por Afonso, J.A. 2004). Além disso o sonho poderá deixar de ser um sonho de um elemento e

podendo passar a ser um sonho do grupo, quando este é encorajado a associar com o material onírico (Rutan & Rice, 2002 cit. Por Afonso, J.A., 2004). Neste caso poder-se-ia até dizer que o sonho deixaria de “pertencer” ao sonhador passando a “pertencer” ao grupo, podendo a elaboração sobre o mesmo passar a fazer parte da *cultura do grupo*.

## 6- CONCLUSÃO

“A *Interpretação dos Sonhos*” teve 351 exemplares vendidos nos seis primeiros anos da sua publicação. Depois de ter passado por críticas e de ter sido fracamente recebida por psiquiatras e cientistas da época, parecia estar condenada a ficar em silêncio. No entanto anos mais tarde tornou-se num dos livros mais importantes do século XX.

Para Freud o sonho seria uma forma psicológica de lidar com o sintoma, permitindo a realização fantasmática do desejo, uma via para o inconsciente e para a cura analítica. No entanto Freud deixou muitas portas abertas à reflexão. Esta abertura ao saber, que traduz uma das atitudes psicanalíticas e grupanalíticas por excelência, permitiu o desenvolvimento na noção de função psicanalítica da personalidade, abrindo espaço para o pensamento e para o Ser. Afastar activamente a saturação da mente pelo acumular de memórias, que pode cristalizar o conhecimento (o mesmo do mesmo: preconceitos, estereótipos e compulsões à repetição) e impedir a aprendizagem emocional viva. Por isso é fundamental a abertura a novos significados, fora do que já é conhecido. O trabalho do analista será, então, bastante mais do que interpretar, quando abraça uma atitude de amor ao saber e se abre à compreensão.

“*Sem memória, sem desejo e sem compreensão.*”

Bion

Permite a ocorrência de uma articulação saudável dos aspectos irracionais da pessoa, ou seja, das emoções e das ideias sem continente, ou sem pensador (Bion, cit. Symington, J. & Symington, N., 1999) com os aspectos organizados-continentes da

sua vivência. E que outro espaço deixa circular o irracional/emocional e o racional/pensamento de forma tão específica como *um relato de um sonho*? A capacitação do sonhador como pensador dos seus próprios pensamentos oníricos pode alargar significativamente o seu espaço interno de dúvida optativa (Silva, A. 1994) na procura de novos continentes, para os seus conteúdos.

*“O ego é, na realidade, a parte organizada do id.”*

Freud

E numa grupanálise, esse espaço poderá ser aberto não só no mundo interpessoal mas também no mundo intrapessoal, permitindo à pessoa pensar os seus próprios pensamentos e os dos outros, promovendo o aumento espaço do pensar e do sentir na experiência da complexa teia das intra, inter e trans-subjectividades (Dinis, C. 2002)

*“Nós somos do tecido de que são feitos os sonhos.”*

William Shakespeare

Freud na obra “A interpretação dos sonhos” permite-se ir em direcção a um desconhecido, ao novo, com criatividade. O seu brilhantismo radica em ter sido capaz de desbravar esse caminho desconhecido, a novidade psicanalítica, apesar de todas as dúvidas, incertezas e emoções que o assaltavam para dar um continente à sua paixão/desejo/conteúdo - sonho. O sonho além de manifestar o sintoma pode, na saúde, situar-nos dentro de um espaço novo, tal como o espaço analítico, que nos leva para além de uma, por vezes, limitadora e petrificadora racionalidade, em direcção à construção de uma vida mais criativa: uma vida mais viva.

#### *Bibliografia:*

Afonso, J. A. (2004). *Sonhos e Grupanálise*. Revista Portuguesa de Grupanálise. S.P.G. Fim de Século. Lisboa

Amaral Dias, C. ( ) *Freud para além de Freud*

Azevedo e Silva, J. (1994). *Comunicação Metadramática e Interpretação Grupanalítica*. Grupanálise, Nº5

Dinis, C. (2002). *A neutralidade possível ou a personalidade resgatada*. Revista Portuguesa de Grupanálise. Fim de Século. Lisboa.

Freud, S. (1900) *A interpretação dos Sonhos, Vol 4 (parte 1)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (2006). IMAGO.

<http://tramontin.com02.googlepages.com/Vol4Ainterpretacaodossonhosparte1.rtf>

Freud, S. (1900) *Obras completas de Freud*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (2006). IMAGO.

<http://soebooks.blogspot.com/2007/03/sigmund-freud-obras-completas-23.html>

Symington, J. & Symington, N. (1999). *O pensamento clínico de Wilfred Bion*. Climepsi Editores. Lisboa